

## **Biopolítica e sociedade de controle:**

### **Notas sobre a crítica do sujeito entre Foucault e Deleuze**

Miguel Ângelo

A sociedade na qual estamos mergulhados apresenta-nos uma grande problemática: a formação do indivíduo mediante os infinitos procedimentos de sujeição. Este problema pode ser abordado de várias formas e por várias teorias, mas torna-se urgente uma análise a partir dos dispositivos de poder-saber na sua relação com a questão da verdade. Em outras palavras, a constituição social do indivíduo, a partir da construção de verdades, seja pelo mesmo ou pelo outro, traz em seu bojo o jogo de forças do exercício do poder, e é a análise deste exercício que se apresenta como uma tarefa político-histórica necessária em nossa sociedade atual. Foucault, em sua genealogia do poder desde os anos 70, nos legou um belo trabalho nesse sentido. O estudo da relação da verdade com o poder permitiu-lhe diagnosticar, historicamente, os contornos do que chamou de *sociedade disciplinar*, para além da *sociedade de soberania*, caracterizando suas técnicas e desenvolvendo dois conceitos que se cruzam: o de *anátomo-política* e o de *biopolítica* ou *biopoder* — fundamentais para o entendimento de uma disciplinarização dos corpos em prol de uma economia da verdade.

Aqui temos: poder, sujeição, confinamento, disciplina e verdade. A crítica do sujeito, já em prática desde o anti-humanismo de Foucault dos anos 60, no fundo, é uma crítica do poder na sua relação com a verdade. Em uma aula do curso *Em defesa da Sociedade*, ele explicita: “Não há exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcionam nesse poder, a partir e através dele. Somos submetidos à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade.”<sup>1</sup> (Foucault, 2000, p. 28-29). Tendo isso em mente, podemos perguntar: como se desenrolaria tal crítica mediante o modelo social no qual estamos inseridos hoje? Para Foucault, o foco de análise histórica são as práticas, práticas políticas de dominação e evidência da verdade perante o indivíduo. Dá-se, então, o encontro com a biopolítica.

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. Trad. de Maria E. Galvão. SP: Martins Fontes, 2000, p. 28-29.

## **Anátomo-política e biopolítica**

Para se chegar ao conceito de biopolítica ou biopoder, que caracteriza a sociedade disciplinar e ainda pertence à nossa atualidade social, é preciso anteceder a um outro conceito, também muito trabalhado por Foucault, e que de alguma forma se ancora como um dos dois pilares do disciplinamento do século XVIII, início do século XIX. De um lado, tem-se a expressão do poder naquilo que Foucault chamou de anátomo-política; de outro, o desenvolvimento das forças desse poder no controle da vida em geral, a sua forma acabada em um biopoder. Alguns comentadores preferem classificar tais poderes em tipos de sociedade: sociedade de soberania, sociedade disciplinar. Tal classificação didática é válida, mas, por vezes, esconde uma série ou uma relação com a qual é preciso ter uma atenção maior: a passagem do suplício à anátomo-política e desta para a biopolítica, ou seja, a idéia de que esses elementos se estruturam melhor no exercício de racionalização do Estado; ou ainda, a afirmação de que um é a preparação do outro sem se auto-anular. Mais do que colocar essas respectivas formas de poder em seus moldes sociais, busca-se uma compreensão maior do jogo estratégico-relacional do poder na atualização tecnológica e histórica em determinada sociedade.

O estudo dessa passagem não anula a caracterização diferencial das formas de poder nas sociedades acima citadas; no entanto, parece-me que, ao mostrar o nascimento da biopolítica, Foucault insiste em uma não cisão total dessas formas.

Ora, durante a segunda metade do século XVIII, eu creio que se vê aparecer algo de novo, que é uma outra tecnologia de poder, não disciplinar dessa feita. Uma tecnologia de poder que não exclui a primeira, que não exclui a técnica disciplinar, mas que a embute, que a integra, que a modifica parcialmente e que, sobretudo, vai utilizá-la implantando-se de certo modo dela, e incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia. Essa técnica não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está em outra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes.<sup>2</sup>

Na genealogia do poder, o interesse se desloca unicamente para as práticas, para os processos de subjetivação do indivíduo e do grupo social. Do suplício dos príncipes,

---

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. Trad. de Maria E. Galvão. SP: Martins Fontes, 2000, p. 288-289.

passando pelo disciplinamento dos corpos para gerir a economia e chegando a uma incidência mais eficiente do poder em seu caráter biológico-social, diz Foucault, “o nível em que eu gostaria de seguir a transformação não é o nível da teoria política, mas, antes, o nível dos mecanismos, das técnicas, das tecnologias de poder”.<sup>3</sup> A teoria política das sociedades fica em segundo plano e a caracterização das tecnologias aparece como o foco primário do poder.

Feita esta observação, podemos partir para a conceituação dos elementos tão característicos da sociedade disciplinar (anátomo-política e biopoder), já em preparação para o que Deleuze, de alguma forma continuando o trabalho foucaultiano, chamará de *sociedade de controle*.

A anátomo-política, tecnologia própria do início do século XVIII, vem corresponder com toda uma eficácia física do corpo, necessária à época. O nascimento da revolução industrial na Europa demandava uma economia das ações e do tempo; para tanto, era preciso uma disciplinarização do corpo, no sentido de torná-lo dócil e apto ao sistema de produção. A análise dessa “física do poder”, uma “ortopedia social” que não se distancia dos novos tempos, dessa disciplina do poder, que não é mais a do suplício (na qual o direito de morte garantia o direito de vida do soberano), é muito bem encontrada na obra *Vigiar e Punir*. Aqui, Foucault dirá: “Uma ‘anatomia política’, que é igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina”. E terminará dois parágrafos à frente com uma bela definição: “A disciplina é uma anatomia política do detalhe.”<sup>4</sup>

O ambiente do exército, das escolas, das fábricas, dos hospitais, poderíamos dizer, da mídia, ainda nos conduzem a essa sujeição. A tecnologia disciplinar incide sobre o corpo individual, sobre a vida individual, e sua finalidade é a sujeição pela objetivação, por um lado, mas, por outro, não deixa de objetivar e com isso sujeitar. “A disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo

---

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. Trad. de Maria E. Galvão. SP: Martins Fontes, 2000, p. 288.

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 119-120.

como objetos e como instrumentos do seu exercício”.<sup>5</sup> Fabricação social que na época não era ainda em grandes demandas.

As grandes demandas, o domínio coletivo, não demorará muito a surgir. Em fins do século XVIII e início do século XIX, o Estado percebeu a necessidade de aperfeiçoar o processo de disciplinarização. Entra em cena o outro elemento dessa sociedade que, em conjunto com o trabalho do corpo individual, constituirá toda uma incidência tecnológica da vida. Se a questão estava invertida (não mais o direito de fazer morrer e deixar viver, mas fazer viver e deixar morrer), com interesses declaradamente econômicos-políticos, a razão do Estado se voltará agora para o *homem-espécie*. A categorização da população, da higiene, da saúde pública, da segurança (com o seu mais fiel instrumento e que tanto continua a normalizar o corpo: a polícia), farão parte desta nova forma de exercício do poder: a biopolítica. Aqui, não se trata mais de disciplinar o corpo, se trata da “vida dos homens, (...), ela se dirige não ao homem-corpo, mas ao homem vivo, ao homem ser vivo; no limite, ao homem-espécie”.<sup>6</sup>

Foucault classifica o processo de regulamentação da população pela biopolítica em três domínios: a) a questão da natalidade, da mortalidade e da longevidade, ou seja, é preciso fazer a vida se estender ao máximo a partir da qualidade da higiene pública; b) a partir do problema da velhice e dos acidentes e doenças, surgiram as instituições de assistência, os seguros, as poupanças; c) por fim, a preocupação com o espaço, com a organização da cidade. Todos esses mecanismos aos quais a biopolítica incidirá sua ação farão com que a população seja seu objeto de regulação política. A conduta não mais do homem como indivíduo disciplinado, mas da população como contingente economicamente regulada.

O efeito disso será a construção de uma sociedade que trabalha suas tecnologias de poder no sentido de fazer da ação coletiva uma rentabilidade cada vez maior. A racionalidade do Estado prepara, no final do século XIX e início do século XX, com toda a sutileza e aprendizado das antigas formas de poder, o que estamos vivenciando cada vez mais no tecido social e dentro de um processo inconsciente: mais do que disciplinar e

---

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 143.

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. Trad. de Maria E. Galvão. SP: Martins Fontes, 2000, p. 289.

vigilante, a sociedade se caracteriza por um controle virtual do indivíduo e da população. As novas tecnologias do século XX (tecnologias audiovisuais, Internet, cartões de crédito etc.), empreendendo o deslocamento das relações de poder para o campo virtual, caracterizam a nova forma do poder: a *sociedade de controle*.

### **Deleuze e a sociedade de controle**

Em uma entrevista a Toni Negri, que a conduz sempre na linha política, Deleuze critica os movimentos revolucionários distinguindo-os da sua forma de se fazer revolução: “Diz-se que as revoluções têm um mau futuro. Mas não param de misturar duas coisas, o futuro das revoluções na história e o devir revolucionário das pessoas. Nem sequer são as mesmas pessoas nos dois casos. A única oportunidade dos homens está no devir revolucionário, o único que pode conjurar a vergonha ou responder ao intolerável.”<sup>7</sup> O devir revolucionário é uma máquina de guerra que tem à sua frente um grande inimigo, um novo regime de dominação. Não mais, apenas, o confinamento e a vigilância que seqüestram a vida do indivíduo e da massa a qual ele pertence, mas o controle, que na virtualidade do real modulam ilimitadamente a vida. Estamos na vergonha e no intolerável, “estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento [não que os mesmos ainda não persistam], mas por controle contínuo e comunicação instantânea”.<sup>8</sup>

Vê-se, aqui, que os processos de comunicação fundamentam muito bem esse tipo de sociedade e que o devir não-revolucionário, em sua paralisia cerebral e lingüística, a ela se ajusta. À “alegria do Marketing” deve corresponder toda uma modulação universal do capital, toda uma emulação das ações e do pensamento, toda uma divisibilidade do indivíduo e toda uma tecnologia computacional das redes em movimento. Vejamos um pouco sua lógica, como bem a desdobrou Deleuze.

Do molde à modulação. Na sociedade disciplinar, as formas de poder de confinamento apresentam e trabalham dentro de uma linguagem *analógica*. No controle,

---

<sup>7</sup> DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. In: *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 211.

<sup>8</sup> DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. In: *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 216.

essa linguagem ganha um caráter de sistema e se expressa numericamente, não necessariamente na forma binária. A capacidade de variação dessa linguagem permite a escapatória do *molde*, tão comum aos confinamentos da disciplina (escola, fábrica, hospitais etc.), e a apresentação dos controles como *modulação*. Deleuze dá o exemplo da empresa que, ao substituir a fábrica, modula o salário do empregado a partir de uma competição (formação) permanente. Não se trata mais de moldar o indivíduo, mas de automodular suas ações competitivas.

Da assinatura à senha. Na sociedade de controle, se trabalha com a *cifra*, ou seja, com a senha para obtenção ou não da informação. Não basta mais assinar o nome, é preciso ter o cartão de acesso. O indivíduo passou a ser *dividual*, pois está separado de si mesmo e é lançado na massa populacional, apreendida como amostra, mercado, como estatística financeira. O dinheiro está longe da moeda e torna-se uma cifra a ser modulada em transações econômicas. O controle virtual do capital é a senha.

Da alavanca à informática. O sistema mecânico simples cedeu à complexidade dos sistemas computacionais. O grande acesso, via Internet, às mais possíveis compras retrata bem a lógica do novo capitalismo: o importante é a venda de serviços e a compra de ações. Nesse capitalismo, “as conquistas de mercado se fazem por tomada de controle e não mais por formação de disciplina, por fixação de cotações mais do que por redução de custos, por transformação do produto mais do que por especialização da produção”; enfim, ele cria um homem que “não é mais o homem confinado, mas o homem endividado”.<sup>9</sup>

Tais elementos nos lançam em um avanço cada vez mais sutil sobre a vida. A sociedade de controle é uma formação permanente das ações, da linguagem e do pensamento; a mostra de uma bioestética à qual a subjetivação, através do problema da verdade, está em jogo.

---

<sup>9</sup> DELEUZE, Gilles. “*Post-Scriptum* sobre as sociedades de controle”. In: *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. SP: Editora 34, 1992, p. 224. Toda essa caracterização da lógica da sociedade de controle está nas páginas 221, 222, 223 e 224 deste importantíssimo pequeno texto.

## O sujeito e os muros

Podemos agora nos situar melhor na estrutura em que estamos vivendo e convidar-nos a um olhar mais de perto sobre nós mesmos, as nossas formas de vida e de se relacionar com os outros. Nesse quadro social é preciso ter bem clara a imagem a qual o sujeito pertence, a estética que construímos e resistência do acontecimento. A televisão, com seus programas de competição e violência (bestialização da vida), uma determinada forma de cinema, a segmentação virtual da Internet com suas vendas e rastreamento via endereço IP, os jornais e revistas que se lêem, as cotações que comandam a economia, enfim, há todo um controle disseminado nas relações sociais nas quais o sujeito é colocado diante de um muro. Ora, o muro deve ser atravessado, o corte aplicado e a criação, como forma de resistência, uma possibilidade por vir.

O combate à verdade, ou melhor, ao jogo estratégico que toma a verdade como elemento de fácil relação de poder, a subjetivação que, mediante um trabalho midiático, constitui sujeitos de manobra, a palavra de ordem de uma tecnologia bioestética da vida, o capitalismo na sua forma mais sutil de comando e as mais variadas formas de aplicação do poder no seio da conduta social, neste tipo de sociedade, são o alvo mais radical de uma luta. Politicamente, não apenas teoricamente, a vida está presa, ela é uma presa. Que estética de vida devemos construir no sentido de escapar das amarras do biopolítico? Talvez a questão pudesse ser bem colocada: que resistências podem ser criadas a partir das forças do biopolítico? Para toda ação uma reação, mas não, deve-se completar, da mesma forma, pois a ação também não o é. A questão não é derrubar os muros limitantes da vida, mas criar formas de atravessá-lo, mostrar a impotência de ser um muro, de estar lá, verticalizando contra a vida. Talvez aí esta ganhe horizontalidade, um horizonte não no sentido de ser um ponto a mais para continuar, mas a simples continuação de um ponto que deixará de ser ponto — será outra coisa qualquer.

Foucault nos mostrou a “sociedade de seqüestro”, Deleuze aquela do controle, a da “fabricação da miséria humana”. Contra as sanções dos muros, a abertura de fendas; contra o sujeito do humanismo, o sujeito em suas relações, ou seja, a construção do sujeito. É preciso revelar os processos biopolíticos de uma certa estetização da vida, de um certo

controle da vida. Talvez nessas palavras deleuzianas encontremos o que ele tanto suscitou: “resistência ao presente”.

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. (...) É ao nível de cada tentativa que se avalia a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo.<sup>10</sup>

Acreditemos em Foucault e Deleuze e trabalhemos para um povo em criação.

### Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. In: *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. Post-Scriptum: sobre as sociedades de controle. In: *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A Vontade de Saber*. Trad. de Maria T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Em Defesa da Sociedade*. Trad. de Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

---

<sup>10</sup> DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. In: *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. SP: Editora 34, 1992, p. 218.